

## INGLÊS DE SOUSA NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Alan Victor Flor da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Considerando as histórias literárias enquanto instâncias de consagração de autores e obras, objetivamos, com este trabalho, analisar a presença de Inglês de Sousa em diversos compêndios de história da literatura brasileira, publicados ao longo do século XX, com intuito de observarmos as estratégias empregadas (ainda que tenham sido inconscientes) pelos autores desses manuais a fim de atribuir um estatuto canônico ao ficcionista paraense.

**Palavras-chave:** Inglês de Sousa; História da literatura brasileira; estratégias de canonização.

### INGLÊS DE SOUSA IN THE HISTORY OF THE BRAZILIAN LITERATURE

**ABSTRACT:** Considering the literary histories as consecration instances of authors and works, the purpose of this work is to analyze the presence of Inglês de Sousa in various books of history of the Brazilian literature, published throughout the twentieth century, aiming to observe the strategies employed (even though they have been unconscious) by authors of these manuals to assign a canonical status to the writer born in the state of Pará.

**Keywords:** Inglês de Sousa; History of the Brazilian literature; canonization strategies.

### Considerações iniciais

Os compêndios de história da literatura brasileira, enquanto uma das mais importantes instâncias de legitimação, apresentam veladamente uma prática de seleção e, sobretudo, de exclusão de autores e obras, se considerarmos que, enquanto apenas alguns poucos conseguiram alcançar um lugar de prestígio no cenário literário nacional, muitos ficaram restritos a uma posição marginal. O nosso cânone, portanto, representa uma pequena parcela de escritores que se aventuraram pela produção literária no nosso país, assim também como um número extremamente reduzido de textos que se limitam a um grupo muito diminuto e seletivo de leitores.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). PA, Brasil, alan.flor@hotmail.com

Assim como José de Alencar, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis, Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918), além de aparecer com recorrência nesses compêndios e com posição de relevo na ficção naturalista brasileira, é o único escritor da Amazônia do século XIX a ser canonizado. Em razão desse fato, objetivamos, com este trabalho, observar as estratégias utilizadas pelos historiadores da literatura brasileira (mesmo que tenham sido inconscientes) para atribuir um estatuto canônico ao escritor paraense.

Para este trabalho, selecionamos as seguintes histórias literárias: *História da literatura brasileira*, de José Veríssimo; *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho; *História da literatura brasileira*, de Nelson Werneck Sodré; *História da literatura brasileira*, de Lúcia Miguel Pereira; *História da literatura brasileira*, de Antônio Soares Amora; *A literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho; *Presença da literatura brasileira*, de Antonio Candido e José Aderaldo Castello; *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi; *Breve história da literatura brasileira*, de José Guilherme Merquior; *História da literatura brasileira*, de Massaud Moisés; *História crítica do romance brasileiro*, de Temístocles Linhares; *Breve história da literatura brasileira*, de Érico Veríssimo; *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio; *A literatura brasileira*, de José Aderaldo Castello; *História da literatura brasileira*, de Carlos Nejar.<sup>2</sup>

Dos quinze compêndios de história da literatura brasileira que elegemos para este estudo, o nome de Inglês de Sousa apareceu em doze, número que corresponde a 80% do total. Os críticos que se debruçaram sobre a ficção do escritor paraense foram Nelson Werneck Sodré, Lúcia Miguel Pereira, Antônio Soares Amora, Afrânio Coutinho, Antônio Candido e Aderaldo Castello, Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior, Massaud Moisés, Temístocles Linhares, Luciana Stegagno-Picchio, José Aderaldo Castello e Carlos Nejar. Os únicos, em contrapartida,

---

<sup>2</sup> Para selecioná-las, optamos pelos seguintes critérios: 1) os compêndios deveriam apresentar a proposta de narrar toda a história da literatura brasileira, desde as primeiras manifestações até o momento literário do ano do lançamento. Em razão desse critério, não consideramos, por exemplo, a *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido, visto que o autor, nessa obra, dedicou-se apenas a um momento específico da nossa literatura nacional. 2) o conceito de literatura utilizado pelos autores, mesmo que estivesse apenas implícito no decorrer de algumas obras, necessitaria estar atrelado a um campo literário restrito, de tal modo que os gêneros abarcados, delimitados justamente a partir desse conceito, se limitassem apenas à poesia, à crônica, ao teatro, ao conto, à novela e ao romance. Desse modo, excluímos a *História da literatura brasileira* (1888), de Sílvio Romero, pois o autor utilizou um conceito de literatura associado ao campo cultural e, por essa razão, abrangeu um número considerável de gêneros. 3) esses manuais também precisariam ter sido escritos por autores que tivessem algum prestígio no cenário literário nacional.

que não se dedicaram a avaliar a produção ficcional de Inglês de Sousa foram José Veríssimo, Ronald de Carvalho e Érico Veríssimo.

Como a apreciação crítica em torno do escritor paraense apresenta vários e distintos aspectos, selecionamos os mais significativos para compreendermos o lugar de Inglês de Sousa na História da literatura brasileira e no cânone literário nacional. Eis os quatro aspectos da fortuna crítica a respeito do escritor paraense sobre os quais nos deteremos daqui em diante: 1) o título de introdutor do Naturalismo no Brasil; 2) valor literário das obras; 3) influências de outros escritores; 4) Naturalismo e regionalismo.

### 1. O título de introdutor do Naturalismo no Brasil

Os críticos literários, de modo geral, teceram muitos elogios à produção ficcional do escritor paraense, mas não se furtaram a apontar nela algumas supostas deficiências, pois verificaram que seus romances, sobretudo, apresentam alguns desníveis quando são analisados comparativamente.<sup>3</sup> Apesar disso, o nome de Inglês de Sousa ainda hoje é aclamado pelos críticos como um dos mais importantes escritores naturalistas do Brasil. Alguns, inclusive, discutem as razões pelas quais o ficcionista paraense não é considerado o iniciador do nosso Naturalismo, título atribuído a Aluísio de Azevedo, que publicou, em 1881, o romance *O mulato*. Os historiadores da nossa literatura que se propuseram a discutir esse assunto são Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, José Guilherme Merquior, Massaud Moisés, Temístocles Linhares e Afrânio Coutinho.

Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, foi a primeira historiadora da nossa literatura a se debruçar sobre essa questão em torno de Inglês de Sousa. A autora acredita que os primeiros romances do escritor paraense, injustamente, não obtiveram grande repercussão desde o lançamento, senão o título de introdutor do Naturalismo no Brasil não teria sido atribuído a Aluísio de Azevedo. Vejamos:

As novelas da mocidade ficaram esquecidas. Esquecimento dos mais injustos. Creio, aliás, que o silêncio em torno delas se estabeleceu logo de início; do

---

<sup>3</sup> Quando morava em São Paulo, Inglês de Sousa publicou, sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, quatro romances: *O cacaulista* (1876), *História de um pescador* (1877), *O coronel Sangrado* (1877) e *O missionário* (1891). Depois que se mudou para o Rio de Janeiro, onde ganhou notoriedade em rodas literárias, divulgou ainda sua última obra de ficção: *Contos amazônicos* (1893).

contrário, não caberia a Aluísio de Azevedo o título de iniciador do movimento naturalista entre nós: *O Coronel Sangrado*, saído em 1877, quatro anos antes do *Mulato*, estava, muito mais que este, no espírito da nova escola. No espírito, porém não na técnica. (PEREIRA, 1988, p. 157)

Nesse sentido, a autora defende que Inglês de Sousa, embora tivesse publicado romances à maneira naturalista antes de qualquer outro escritor brasileiro e estivesse mais envolvido no espírito do Naturalismo que o próprio Aluísio de Azevedo, não demonstrou nos primeiros trabalhos escritos durante a mocidade, sobretudo em relação a *O coronel Sangrado*, nenhuma inovação quanto à forma, assim como também não apresentou os tiques e os modismos que se tornariam pouco depois muito comuns aos romances naturalistas, êxito que alcançaria apenas mais tarde com a publicação de *O missionário*. Apesar disso, Lúcia Miguel Pereira levanta a hipótese de que *O mulato*, num ambiente afeito às demasias românticas, obteve maior repercussão no meio literário que *O coronel Sangrado*, pois estava mais eivado de romantismo e baseava-se numa intriga mais sentimental. Para a historiadora, o terceiro romance de Inglês de Sousa foi um livro prematuro, visto que introduziu no nosso país os novos métodos antes do momento propício.

Partindo da mesma perspectiva, Nelson Werneck Sodré afirma que

Antes mesmo que o meio literário conhecesse o naturalismo de Aluísio de Azevedo, lançara-o Inglês de Sousa. Não encontrara, porém, a repercussão que cobriria a precedência com a sanção que a torna objetiva. E nem mesmo depois que os romances de Aluísio conquistaram a atenção geral teve Inglês de Sousa a sorte de ver seus livros divulgados e conhecidos. O que foi, sem dúvida, uma injustiça do tempo. Nesse autor, comprova-se, a até se grava melhor, o traço comum do naturalismo brasileiro. (SODRÉ, 2002, p. 442)

Ao contrário do que expôs Lúcia Miguel Pereira, Sodré não considera os romances de Inglês de Sousa inferiores aos de Aluísio de Azevedo e, por essa razão, contesta o fato de que o título de introdutor do Naturalismo no Brasil não foi atribuído ao ficcionista paraense, pois este merecia atenção desde quando publicou *O cacaulista* em 1876, pois já se revelava nessa produção um escritor interessante.

Outro historiador da nossa literatura que colocou em discussão a atribuição do título de introdutor do Naturalismo no Brasil a Inglês de Sousa foi José Guilherme Merquior. O autor ressalta que, se fosse possível observarmos em *O coronel Sangrado* os traços de Eça de Queirós

(1845-1900), assim como conseguimos percebê-los em *O mulato*, a exemplo do anticlericalismo e do antiburguesismo de caricatura, o escritor paraense teria sido o “detonador da nossa ficção naturalista”, pois ainda podemos verificar no romance de Aluísio de Azevedo alguma influência romântica, fato que quase não observamos no de Inglês de Sousa.

Em meio a essa querela, Massaud Moisés não se furtou a emitir seu ponto de vista a respeito do assunto. Para o autor, *O mulato* marca o início do Naturalismo no Brasil, pois, embora ainda apresente alguns vestígios românticos, não apenas se configura como um romance, como também reverbera inegavelmente os vigamentos naturalistas, ao contrário de *O coronel Sangrado*, obra que, além de se enquadrar mais como uma novela, não demonstra nenhum indício de adesão às teses de Hippolyte Taine (1828-1893) ou Émile Zola (1840-1902). Nesse sentido, podemos perceber que Massaud Moisés concebe os gêneros de ficção (conto, novela e romance) como categorias hierárquicas de valor. Na perspectiva do autor, o romance, por exemplo, seria mais nobre em relação à novela e esta, por sua vez, seria mais ilustre em comparação ao conto.

Apoiando-se em Lúcia Miguel Pereira, Temístocles Linhares também defende que *O coronel Sangrado*, publicado em 1877, quatro anos antes de *O mulato*, já se enquadrava no espírito do Naturalismo, mas nesse romance Inglês de Sousa não revolucionou quanto à técnica, ao contrário de Aluísio de Azevedo. Por essa razão, Linhares afirma que o papel de vulgarizador do movimento naturalista tinha de ser conferido incontestavelmente a Aluísio de Azevedo. É preciso, no entanto, ressaltarmos que o estudioso do romance brasileiro, amparando-se em Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), defende que o mérito do pioneirismo em Inglês de Sousa reside no fato “de ter sido ele o primeiro a falar nessa vida equatorial que desde [Alexander von] Humboldt [1769-1859] inspirava tantos quadros deslumbrantes a muitos escritores hispano-americanos” (LINHARES, 1987, vol. 1, p. 208).

Além de Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, José Guilherme Merquior, Massaud Moisés e Temístocles Linhares, Afrânio Coutinho afirma que, embora Inglês de Sousa se revele como um exímio romancista em *O coronel Sangrado*, “a verdade é que, mesmo neste romance, não há o naturalista de intenção e processo, que só afloraria muitos anos depois com a experiência de *O missionário*” (COUTINHO, 2004, vol. 4, p. 81). Por essa razão, Coutinho defende que “foi o romance de Aluísio de Azevedo que verdadeiramente assinalou, em nossas

letras, a presença da nova escola literária, com o rumor e debate que então provocou, de Norte a Sul do país” (COUTINHO, 2004, vol. 4, p. 69).

Percebemos que os nossos historiadores, à exceção de Lúcia Miguel Pereira e Nelson Werneck Sodré, defendem que o vulgarizador do movimento naturalista no Brasil foi Aluísio de Azevedo, pois Inglês de Sousa ainda não estava muito familiarizado com os princípios desse período estético-literário. Os argumentos da crítica para que o escritor paraense não desfrutasse atualmente desse título, no entanto, variam de historiador para historiador: enquanto uns alegam que *O coronel Sangrado* não revolucionou quanto à técnica, outros acreditam que não é possível percebermos nessa obra a influência de Hippolyte Taine, Eça de Queirós e Émile Zola; enquanto uns creem que em *O coronel Sangrado* não há “naturalismo de intenção e processo”, outros entendem que essa obra não é um romance, mas sim uma novela. Esses argumentos, entretanto, sem uma perspectiva de análise comparada voltada para os textos, são suficientes e sólidos para explicar a razão pela qual Inglês de Sousa não é considerado, hoje, o introdutor do Naturalismo no Brasil?

## 2. O valor literário das obras

É interessante ressaltarmos que nenhum historiador da nossa literatura ressaltou os dois primeiros romances do escritor paraense, anteriores a *O coronel Sangrado*, como os possíveis marcos do início do movimento naturalista no nosso país. *O cacaulista* e a *História de um pescador* não entraram no meio dessa discussão, pois foram considerados os menos significativos da produção ficcional de Inglês de Sousa. O único que poderia usurpar o título atribuído ao romance de Aluísio de Azevedo seria *O missionário*, mas obviamente por uma questão cronológica essa façanha seria impossível. Desse modo, podemos perceber que, segundo os nossos historiadores, nem todas as obras do escritor paraense apresentam o mesmo valor literário.

Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, assegura que os primeiros trabalhos de Inglês de Sousa, à exceção da *História de um pescador*, não são inferiores a *O missionário*. Segundo a historiadora, o segundo romance do escritor paraense configura-se como o mais fraco de todos e, além do mais, é falso do ponto de vista literário, visto que as personagens são convencionais, a exemplo do tapuio que se expressa como um herói romântico. Sobre essa obra, a autora ainda

afirma que “custa crer que *O cacaulista* lhe seja anterior, tão mais seguro de si se mostra nele Inglês de Sousa” (PEREIRA, 1988, p. 159). É possível observarmos que Lúcia Miguel Pereira concebe que a produção literária de um escritor, em certo grau, evolui à medida em que novos trabalhos, com o passar do tempo, são lançados, pois a técnica da escrita, em tese, aperfeiçoa-se gradativa e paulatinamente. Nesse sentido, as obras de maior valor de um escritor, conforme a historiadora, seriam as escritas após as primeiras experiências na carreira literária. Por essa razão, a autora admira-se pelo fato de o segundo romance de Inglês de Sousa lhe parecer literariamente inferior ao primeiro.

Além de estabelecer uma comparação entre a *História de um pescador* e *O cacaulista*, Lúcia Miguel Pereira afirma que *O coronel Sangrado* não apenas deveria ocupar a posição atribuída a *O mulato* na história da nossa literatura, como também teve o lugar usurpado por *O missionário*, considerado pela historiadora o romance mais conhecido de Inglês de Sousa. Sobre *O coronel Sangrado*, a autora afirma que

Livro nítido, humano, bem concebido e bem realizado, parece-me não só o melhor de Inglês de Sousa, como um dos melhores no gênero, entre nós. Pelo seu valor, e pela sua importância, como marco denunciador de novas tendências na nossa história literária, exige um destaque que lhe foi até hoje negado. Na obra, de seu autor cabe-lhe o lugar usurpado pelo *Missionário*, na nossa história literária deve ocupar a posição atribuída ao *Mulato*. (PEREIRA, 1988, p. 160)

Enquanto percebe em *O coronel Sangrado* várias virtudes, Lúcia Miguel Pereira aponta em *O missionário* diversas falhas. Segundo a historiadora, o último romance de Inglês de Sousa, por exemplo, não apenas apresenta a natureza de maneira difusa, como também é prolixo, inchado e excessivamente prolongado; torna-se, por essa razão, monótono e não desperta nenhum interesse. A autora ainda afirma que os defeitos de *O missionário* se sobressaem quando são comparados com as qualidades de *O coronel Sangrado*, pois este romance evoca a natureza com espontaneidade e é muito mais conciso.

Embora tenha hierarquizado todos os trabalhos de Inglês de Sousa, Lúcia Miguel Pereira afirma que a obra do escritor paraense, quando considerada em conjunto, apresenta-se como um verdadeiro documento social. Observemos:

Considerada em conjunto, a obra de Inglês de Sousa apresenta-se como um documento social, fixando aspectos vários da Amazônia, da Amazônia do cacau e da pesca, região meio selvagem onde a vida era sempre uma luta; luta do tapuio contra o proprietário que explora, na *História de um pescador*; luta do mulato ambicioso contra o branco que não o quer considerar como igual, no *Cacaulista* e no *Coronel Sangrado*; luta do indivíduo superior contra o meio mesquinho, no *Missionário*; em todos eles, luta do homem contra o homem, e contra a natureza que o ameaça física e moralmente, pelos animais que o atacam, pela água que o afoga, pelo sol que o queima, pelo amolecimento que lhe derreia a energia. (PEREIRA, 1988, p. 158)

Nelson Werneck Sodré, por sua vez, oferece-nos uma perspectiva diferente de Lúcia Miguel Pereira, pois afirma que Inglês de Sousa, embora se revele como um ficcionista interessante em *O coronel Sangrado*, mostra a medida de sua força em *O missionário*. Segundo o historiador, o último romance do escritor paraense, ainda que seja excessivo em vários aspectos, não apenas tem vida, tipos e movimento, como também evoca o meio adequadamente e ainda apresenta, de modo geral, as relações humanas com fidelidade. Sodré ainda defende que, apesar de em *O coronel Sangrado* haver mais equilíbrio, *O missionário*, salvo algumas deficiências, contém todas as tônicas de Inglês de Sousa.

Outro historiador que se propõe a emitir algum juízo sobre o valor das obras do escritor paraense é Afrânio Coutinho. Do mesmo modo que Lúcia Miguel Pereira, o autor, enquanto tece elogios a *O coronel Sangrado*, desqualifica *O missionário*. Segundo Coutinho, o último romance de Inglês de Sousa, embora tenha recebido louvores de críticos atualmente consagrados, como Araripe Júnior (1848-1911) e Olívio Montenegro (1896-1962), “transmite a impressão de obra antiquada, sem harmonia no seu contexto, com algumas figuras realmente vivas a se imporem através da floresta de palavras em que se acha diluída a ação romanesca” (COUTINHO, 2004, vol. 4, p. 81). Sobre o outro romance, o historiador afirma que “*O coronel Sangrado* é o que melhor revela os pendores de romancista em Inglês de Sousa. E é ainda aquele que confere a seu autor uma preeminência cronológica, na história do romance naturalista em nosso país” (COUTINHO, 2004, vol. 4, p. 81).

Contraopondo-se a Lúcia Miguel Pereira e a Afrânio Coutinho, Massaud Moisés exalta *O missionário* como o trabalho mais importante de Inglês de Sousa, “sua obra-prima e uma das mais relevantes do Naturalismo entre nós” (MOISÉS, 1985, vol. 3, p. 56). Segundo o historiador, o escritor paraense, nesse romance, não apenas inverte a equação romântica quando confere à



paisagem natural funções de personagem central, como também, pioneiramente, convoca um mundo primitivo para a economia da narrativa. Além disso, Moisés assevera que

Na exposição de sua tese, Inglês de Sousa coloca face a face a selva inóspita e a vida preconceituosa, falsa e hipócrita de uma cidadezinha de província, Silves [...]. Funde, por conseguinte, numa perspectiva de largo espectro, três situações dramáticas: a análise da sociedade pequeno-burguesa; a natureza amazônica, com seu ciclopismo sufocante; e o problema do celibato clerical. (MOISÉS, 1985, vol. 3, p. 56)

Além de Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho e Massaud Moisés, outros historiadores se propuseram a questionar o valor do último romance de Inglês de Sousa. José Guilherme Merquior, por exemplo, garante que, “história frouxa de um padre sem fé, esmagado pela hereditariedade e pela educação viciosa, *O missionário* vale apenas pelas cenas e caracteres, de segundo plano” (MERQUIOR, 2014, p. 196). Carlos Nejar, em contrapartida, afiança que essa mesma obra é a mais conhecida do escritor paraense e a mais representativa do movimento naturalista, pois podemos perceber nela “um estilo limpo, a descrição plástica, a argúcia que se soma ao conhecimento dos costumes do povo e ao senso da realidade, ferozmente crítico” (NEJAR, 2011, p. 279).

Após esse rápido preâmbulo sobre o valor literário dos trabalhos de Inglês de Sousa, podemos afirmar que não há um consenso entre os nossos historiadores da literatura a respeito da obra mais significativa do escritor paraense. Enquanto alguns, por exemplo, acreditam que esse papel deveria ser atribuído a *O coronel Sangrado*, outros creem que o mérito desse título cabe a *O missionário*. Esse fato, entretanto, nos serve apenas para demonstrar que, além de o discurso da crítica não passar de um juízo de valor, os historiadores hierarquizam as obras de Inglês de Sousa, sobretudo os romances, a partir de critérios supostamente literários e de análises que pouco recorrem à textualidade.

### 3. Influências de outros escritores

No discurso da crítica, é muito comum encontrarmos assertivas sobre a influência que um escritor recebeu de outro ou de outros. O mesmo ocorre em relação aos escritores naturalistas, e Inglês de Sousa, sempre associado a esse movimento estético-literário pelos nossos críticos, não poderia fugir à regra. Foram vários os nossos historiadores que se

propuseram a discutir as relações de proximidade entre as obras do romancista paraense e as de outros escritores, como Émile Zola (1840-1902), Honoré de Balzac (1799-1850) e Eça de Queirós (1845-1900).

Assim como não houve consenso sobre o título de introdutor do Naturalismo no Brasil (se caberia a Aluísio de Azevedo ou a Inglês de Sousa) ou sobre o valor literário das obras do escritor paraense (se *O coronel Sangrado* seria melhor que *O missionário* ou vice-versa), os historiadores da literatura brasileira, como Luciana Stegagno-Picchio, José Guilherme Merquior, Antonio Candido e Aderaldo Castello, Massaud Moisés, Afrânio Coutinho e Carlos Nejar, divergem a respeito dos escritores que influenciaram o nosso ficcionista.

Luciana Stegagno-Picchio, por exemplo, afirma que Inglês de Sousa não apenas nasce para a literatura sob o signo de Balzac e Zola, de um lado, e de Eça, do outro; como também retoma, em *O missionário*, o tema da corrupção eclesiástica que Zola já havia abordado em *O crime do padre Mouret* (1875), Eça em *O crime do padre Amaro* (1875) e Aluísio de Azevedo em *O mulato* (1881).

Nessa mesma linha de raciocínio, Carlos Nejar também assegura que o escritor paraense “não é um sonhador, é um investigador, sob a sombra de Émile Zola e Eça de Queirós, buscando não só os alucinantes elementos do real, muitas vezes mais terríveis do que a imaginação, também as causas sociais e psicológicas dos acontecimentos” (NEJAR, 2011, pp. 279-280). Além disso, o historiador assegura ainda que *O missionário* apresenta como tema principal o corrupto universo eclesiástico e foi inspirado em *O crime do padre Amaro*, de Eça, e em *O crime do padre Mouret*, de Zola.

Do mesmo modo, Antonio Candido e Aderaldo Castello, a respeito de Inglês de Sousa, garantem que “como outros romancistas brasileiros filiados àquelas tendências, [...] é transparente nele a influência direta de Eça de Queirós, na linguagem e no assunto, e indiretamente de Émile Zola” (CANDIDO; CASTELLO, 2008, vol. 1, p. 331). É possível percebermos, contudo, que esses dois historiadores, ao contrário de Luciana Stegagno-Picchio e Carlos Nejar, estabelecem um grau de influência entre os escritores que serviram de modelo para o nosso ficcionista, de tal modo que podemos afirmar, seguindo o raciocínio de Antonio Candido e Aderaldo Castello, que Eça de Queirós influenciou mais Inglês de Sousa do que Émile Zola.

José Guilherme Merquior, no entanto, nega a presença de traços ecianos em *O coronel Sangrado*, como o anticlericalismo e o antiburguesismo de caricatura, pois defende que, se houvesse a influência de Eça de Queirós nesse romance de Inglês de Sousa assim como há no de Aluísio de Azevedo, o escritor paraense seria o “detonador da nossa ficção naturalista”.

Afrânio Coutinho, por sua vez, contrapõe-se radicalmente a Antonio Candido e Aderaldo Castello, visto que defende que é possível notarmos numa ou noutra passagem de *O missionário* a presença de Eça de Queirós, mas não no conjunto da narrativa. Segundo Coutinho, ao último romance do escritor paraense faltam a fluidez, a harmonia e o sarcasmo queirosiano. A partir, no entanto, de uma análise comparada entre *O missionário* e *O crime do padre Mouret*, o historiador procura comprovar, assinalando algumas semelhanças presentes nos enredos desses dois romances, a influência direta de Émile Zola em Inglês de Sousa.

É interessante ressaltarmos que o nosso ficcionista paraense foi comparado a dois escritores estrangeiros renomadíssimos. Os nossos historiadores, ainda que não tenham consciência a respeito dos efeitos concretos da atividade crítica, instituíram Inglês de Sousa no mesmo nível de Émile Zola e Eça de Queirós, quando atestaram que *O missionário*, a partir de associações intertextuais, recebeu influência não apenas de *O crime do padre Mouret*, como também de *O crime do padre Amaro*. Portanto, estabelecer relações de comparação entre o último romance do escritor paraense e outras obras do mesmo gênero já consagradas foi uma das principais maneiras de atribuir prestígio literário a *O missionário* e, conseqüentemente, um estatuto canônico a Inglês de Sousa.

#### **4. Naturalismo e regionalismo**

Embora todos os historiadores da nossa literatura tenham inserido Inglês de Sousa em capítulos destinados ao estudo da ficção naturalista, alguns deles, como Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho, Temístocles Linhares e José Aderaldo Castello, afirmaram ou insinuaram que certas obras do nosso escritor paraense não são verdadeiramente naturalistas, seja porque ainda apresentam traços românticos, seja porque também não se adequam aos moldes mais rígidos desse novo modelo estético-literário que se instaurou no nosso país nas duas últimas décadas do século XIX.

Sobre essa questão, Lúcia Miguel Pereira defende que Inglês de Sousa não apresentou nos primeiros trabalhos escritos durante a mocidade os tiques e os modismos naturalistas tão comuns ao estilo dos escritores que publicaram romances no final do Oitocentos, à exceção de Machado de Assis (1839-1908) e Raul Pompéia (1863-1895). Na *História de um pescador*, por exemplo, a autora assegura que o tapuio fala e pensa como um herói romântico; em *O cacaulista*, garante que, embora o verdadeiro tema dessa narrativa seja a constituição de um esboço da sociedade do cacau, o episódio sentimental – o namoro entre os adolescentes Miguel e Rita – constitui o centro da ação romanesca. Segundo a historiadora, Inglês de Sousa somente adotaria esse estilo próprio dos escritores naturalistas mais tarde ao publicar *O missionário*.

Lúcia Miguel Pereira afirma que o escritor paraense, tão livre a princípio dos modismos do novo movimento estético-literário, adotou nesse romance a maneira zolista, os seustos e os preceitos do Naturalismo e, visto que a moda literária do momento exigia o determinismo biológico, sustentou a tese de que o homem é determinado pelo temperamento e este, por sua vez, se explica pela hereditariedade. A historiadora, no entanto, defende que essa máxima naturalista prejudica a figura de padre Antônio de Moraes e torna menos dramática a luta que o protagonista trava contra o meio.

É possível inferirmos que Lúcia Miguel Pereira concebe, em certa medida, o Naturalismo caricatural como um dos principais problemas de *O missionário*. Salvo o fato de que Inglês de Sousa não se deteve na descrição das relações sexuais entre padre Antônio de Moraes e Clarinha, costume muito comum aos romances brasileiros escritos à maneira de Zola, os possíveis problemas dessa narrativa assinalados pela historiadora da nossa literatura, à exceção da prolixidade, mantêm relações com os princípios do movimento naturalista.

Nelson Werneck Sodré, por sua vez, ressalta que Inglês de Sousa, embora represente o traço comum do Naturalismo brasileiro melhor do que Aluísio de Azevedo, foi mais um narrador regional do que um naturalista, visto que planejou reconstituir numa série de romances a vida da região amazônica. Sobre *O missionário*, o historiador afirma que esse romance “teria ocupado uma posição destacada em nossa ficção. Talvez mais, e com propriedade, na ficção regionalista do que na ficção naturalista” (SODRÉ, 2002, p. 444).

A partir de uma perspectiva diversa de Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho alega que o primeiro surto regionalista na Amazônia foi marcado pela influência do Naturalismo, e que

um dos representantes desse momento foi Inglês de Sousa. Desse modo, podemos assegurar que, segundo Coutinho, o escritor paraense não é mais regionalista do que naturalista, assim como a recíproca também é verdadeira. Conforme o nosso historiador, Inglês de Sousa foi tanto naturalista quanto regionalista. Coutinho, no entanto, defende que o conjunto da obra do ficcionista paraense forma um documento ecológico e sociológico importante que estuda a pesca, a extração do cacau, a vida política, religiosa e social do interior do estado do Pará, mas Inglês de Sousa

Homem de observação e de análise, só quando se liberta um pouco das regras rígidas do Naturalismo, esquecendo as leis da hereditariedade e do meio, é que se torna mais interessante, dando-lhe quadros palpitantes da vida social e humana das pequenas cidades do interior do Pará. (COUTINHO, 2004, vol. 4, p. 244)

Nesse sentido, percebemos que Afrânio Coutinho, assim como Lúcia Miguel Pereira, concebe, por um lado, o excesso naturalista de pormenores como um dos principais problemas da produção ficcional de Inglês de Sousa, mas também insinua, por outro, que a marca regionalista do nosso escritor paraense é o que lhe assegura o valor artístico e o prestígio literário.

Outro historiador da nossa literatura que procura discutir o Naturalismo em Inglês de Sousa é Temístocles Linhares. O estudioso do romance brasileiro afirma que o sensacionalismo, bastante comum aos trabalhos naturalistas publicados no nosso país, não é um traço característico nos romances do escritor paraense. O crítico demonstra que *O missionário*, por exemplo, ainda que adote a maneira de Zola e nele seja possível observarmos os preceitos do Naturalismo, não apresenta de modo tão evidente o mesmo propósito do escândalo, assim como podemos identificar no romance *A carne*, de Júlio Ribeiro (1845-1890). Linhares, no entanto, enfatiza que Inglês de Sousa revela mais severidade e honestidade em suas intenções do que Júlio Ribeiro, mas essas peculiaridades no escritor paraense estão mais veladas e são manejadas com um senso de medida e equilíbrio que não se pode atribuir a Júlio Ribeiro.

Ainda conforme o nosso historiador,

Inglês de Sousa imaginou realizar uma espécie de naturalismo épico, pensando num gênero de empreendimento de caráter cíclico e monumental em torno de um mundo equatorial amazonense, de que era originário, e a que chegou a dar o

título geral de **Cenas da Vida Amazonense** [*sic*], trabalhando bastante nessa obra, precedida já de três outros romances: **História de um Pescador**, **O Cacauleta** e **Coronel Sangrado**. (LINHARES, 1987, vol. 1, p. 207)

Nesse sentido, podemos perceber que Temístocles Linhares, embora não defina o que seja “naturalismo épico”, compreende que Inglês de Sousa, sobretudo em relação aos três primeiros romances escritos na década de 70 do século XIX, foi um escritor naturalista entre aspas, pois destoa, em certa medida, dos outros ficcionistas que se propuseram a seguir à risca o modelo proposto por Émile Zola. Na verdade, Temístocles Linhares, assim como Nelson Werneck Sodré e Afrânio Coutinho, valoriza Inglês de Sousa mais como um escritor regionalista do que como naturalista. Observemos:

A rigor, nesses três romances não se observa nenhum traço sistemático de escola ou de naturalismo. O autor como que ainda não se deixava influenciar por nenhum postulado resultante de qualquer conhecimento direto das novas teorias em moda. É verdade que ele estava muito mais próximo do Naturalismo do que do Romantismo, já bastante longe. Mas tudo isso parecia mais fruto da intuição, de alguma coisa que estava no ar e nada tinha que ver com o espírito de imitação inerente ao brasileiro, segundo a observação corrente. Na realidade, os três livros estavam cheios de sugestões bem brasileiras, bem regionalistas, girando em torno de alguns representantes das populações da região e luta com o meio e a força do dinheiro, esta provocadora da ascensão e rebeldia dos tapuios ou mestiços que tentavam alargar, já naqueles tempos, as suas esferas de influência. (LINHARES, 1987, vol. 1, p. 1987)

Além de Temístocles Linhares, José Aderaldo Castello alega que Inglês de Sousa estabeleceu nos primeiros romances sequências sentimentais que se inclinam para um desfecho dramático ou para uma solução favorável ao ideal do herói. Segundo o historiador, essas narrativas são predominantemente lineares e, ainda que estejam restritas a um pequeno espaço e a um curto período de tempo, são ampliadas pelos desdobramentos das peripécias adversas do herói, comprometidas com o Romantismo. Aderaldo Castello, no entanto, afirma que Inglês de Sousa apenas se envereda verdadeiramente pelos caminhos do Naturalismo, acompanhando as preferências em voga nas duas últimas décadas do século XIX, quando escreveu *O missionário*, pois é possível percebermos nesse romance a submissão ao tratamento naturalista.

A partir do discurso da crítica, podemos observar que Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho, Temístocles Linhares e José Aderaldo Castello, embora nos compêndios de história literária que escreveram tenham inserido Inglês de Sousa em capítulos

destinados ao estudo da ficção naturalista, compreenderam que algumas ou todas as obras do escritor paraense, em certa medida, contrastam com a maior parte dos trabalhos escritos à luz dos preceitos do movimento estético-literário que mais ganhava adeptos no nosso país durante as últimas décadas do Oitocentos. Os nossos historiadores que ainda concebem *O missionário* como a obra verdadeiramente naturalista de Inglês de Sousa ressentem-se pelo fato de que os próprios dogmas ou preceitos desse movimento literário comprometeram o valor estético do último romance do nosso ficcionista paraense.

Nesse sentido, podemos inferir que, para a maioria dos nossos historiadores, Inglês de Sousa, em vez de levar o Naturalismo ao cúmulo do exagero, assim como fizeram outros escritores brasileiros do final do século XIX, preferiu atenuá-lo e, portanto, suprimiu-lhe os excessos e a feição caricatural. É provável que talvez seja por essa razão que o nosso ficcionista paraense tenha garantido um lugar de consideração e relevo nos compêndios de Lúcia Miguel Pereira, Nelson Werneck Sodré, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés e tantos outros, visto que o Naturalismo no Brasil sempre foi instituído pela crítica literária a um lugar marginal no âmbito da História da literatura brasileira.

Por mais que não tenha sido contemplado com o título de introdutor do Naturalismo no Brasil, por mais que ainda se mantivesse um pouco amarrado aos laços do Romantismo em algumas obras, por mais que concebesse o Naturalismo de uma maneira muito diferente dos outros escritores do final do século XIX, por mais que algumas de suas obras não tenham sido consideradas dignas de apreço e por mais que talvez não se preocupasse com tendências e modas literárias em voga, Inglês de Sousa foi estimado pelos nossos historiadores da literatura brasileira como um escritor merecedor de apreço e prestígio. Como passou pelo crivo de uma das principais e mais importantes instâncias de legitimação, ocupa hoje, ao lado de Aluísio de Azevedo e Adolfo Caminha, um lugar de destaque no cânone da nossa ficção naturalista e da nossa literatura brasileira.

### **Referências Bibliográficas:**

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 2. vols.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 2. vols.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 13. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

COUTINHO, Afrânio (Organizador). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6. vols.

LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MERCHIOR, José Guilherme. *Breve história da literatura brasileira: De Anchieta a Euclides*. 4. ed. São Paulo: Realizações, 2014.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985-1989. 5. vols.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: Da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. 5. vols.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

---

Recebido em 13/12/2016.

Aceito em 04/04/2016.